

## RESENHAS

**BAPTISTA-BASTOS.** *Um homem parado no inverno.* Lisboa: O Jornal, 1992.

Baptista-Bastos já dissera em livro anterior que a memória é um sonho visto ao contrário. Agora nesse seu *Um homem parado no inverno*, a memória volta à cena como ponto de perquirição da matéria narrativa. Arguindo o papel da memória logo no início, o narrador argumenta: "a memória, porém, é uma cábula que só diz o essencial, e a que recorremos quando procuramos respostas vitais. Em vão: a memória não possui registro fidedigno". Incerto, fugaz e evanescente é, portanto, o espaço onde esse narrador transita: uma terra e um tempo nevoentos, quase míticos, mergulhados em uma atmosfera que obriga o leitor a avançar às apalpadelas, pois é escorregadio e lodoso o caminho escolhido. Caminho que conduz a uma aldeia portuguesa, na qual uma gente fidalga reúne-se na velha mansão solarenga, significativamente construída em forma de anfiteatro e onde se desenrolam, como em um palco, intermináveis reuniões familiares. Um velho fidalgo impotente, Diogo Gaspar de Magalhães - remissão ao navegador e aventurei-

ro? - é a figura que traduz, num cenário marcado por velhos códices e nobiliários, a queda de um sistema de valores, de uma mentalidade: o velho colecionador assiste, de camarote, à derrocada da casa e do país.

O narrador, Manuel, mercador de antiguidades, é aquele que, estrangeiro, transita entre os espaços aristocráticos e a aldeia, funcionando como elemento de ligação entre os dois lugares. Sob sua perspectiva, filtra-se a obsedante presença da morte e da ausência, na constatação da ação corrosiva do tempo sobre coisas, palavras e gentes, o que imprime um efeito de câmara lenta à narrativa. A discussão metafísica acerca do destino do homem, dos seus valores e da sua utilidade ou não sobre a face da terra compõe o quadro lento, nostálgico ( às vezes, patético ) das cenas. Por isso, a presença reiterativa do inverno, o qual se apresenta nos lances de uma memória que se quer sedimentada e petrificada em objetos de arqueologia e epigrafia, que mais não servem a não ser como signos decorativos a ser exibidos em vitrines como raridades. Essa é, aliás, a impressão que se tem das personagens: antiquilha, seres movidos por uma fatalidade inexplicável que os condena a permanecerem expostos, representando em público a cena imemorial da fundação e da genealogia, desde sempre fanadas.

Assim, através dessa gente superlativa, "remotíssima", o narrador convoca um memorial para registrar, em preto e branco, o painel de um povo em ruínas, uma memória em ruínas: melancólicas celebrações da memória e do esquecimento.

Silvana Maria Pessôa de Oliveira

**PEREIRA, Hélder Moura.**  
*De novo as sombras e as calmas.*

Lisboa: Contexto, 1990.

Coletânea de 17 volumes de poesia, as 640 páginas desta antologia atestam o trabalho poético de Helder Moura Pereira de 1976 a 1990, em bellissima edição. Muitos poemas sofreram alterações, acidentais ou profundas; alguns foram eliminados.

Embora episódica, vale mencionar a estréia do autor, num *Cartucho* coletivo de 1976; poemas/bombons amassados, à espera do toque e da fruição. Os outros autores eram Joaquim Manuel Magalhães, Antônio Franco Alexandre e João Miguel Fernandes Jorge. Acrescentem-se os nomes de Al Berto e Luís Miguel Nava e temos a mais expressiva poesia produzida em Portugal nos anos 80, particularmente voltada para a reabilitação da subjetividade e a expressão do desejo. Ainda que a ausência de um movimento desautorize inventariar tendências análogas e traços

comuns, o que os aproxima constitui a recusa à experimentação em provelto da experiência e seu relato, bem como a recusa à fragmentação textual e à ocultação do sujeito, marcas inconfundíveis da geração anterior (*Poesia Experimental e Poesia 61*). Contrariando expectativas, a emocionalidade explícita, a narratividade, os expedientes sintáticos pouco rebuscados, a reflexividade, o verso discursivo às vezes de fôlego amplo e vertiginoso, as tematizações da fisicidade caracterizam a nova dicção poética:

Os meus deuses magoam-se  
quando me faço ver no poema,  
a minha noite maior,  
a descoberta de coisas tão  
pequenas: esta passagem  
entre os corpos todos que  
tocaram este corpo.  
(*Esta passagem*, p.267)

Espaço da procura do Outro (Deus, pessoa amada) e sua consequente perda, a escrita passa a ser exercida por um eu dividido entre a pulsão da palavra e a pulsão amorosa. Escrever é o risco sagrado assumido por alguém que tenta simultaneamente romper a arbitrariedade do signo lingüístico e o desgaste do caso amoroso - "risco" enquanto perigo e traço no papel. Obsessivo, este pacto entre texto e amor - de que o leitor se faz cúmplice - é referido no poema de abertura (único reiterado), cujo primeiro verso dá título ao livro:

De novo as sombras e as  
calmas